

A relação entre história e literatura a partir do romance *Barroco tropical* de José Eduardo Agualusa

The relation between history and literature based on the novel Barroco Tropical by José Eduardo Agualusa

Ana Cristina Meneses de Sousa 

Hévili Alves dos Santos 

¹ Universidade Estadual do Piauí

² Universidade Estadual do Piauí

E-mail: aninhahistoriadora9@gmail.com

E-mail: hevili Alves@gmail.com

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editoras convidadas

Lanie Miller
Fernanda Oliveira da Silva

Recebido: 11/04/2025

Aceito: 17/11/2025

Como citar: SANTOS, Hévili Alves dos; SOUSA, Ana Cristina Meneses de. A relação entre a história e a literatura a partir do romance *Barroco Tropical* de José Eduardo Agualusa. Revista Diadorim, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, e 67910, 2025. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2025.v27n2a67910>

Resumo

O presente artigo propõe trazer uma reflexão que envolve a relação entre História e Literatura. Para tal, se faz necessário abordar as transferências teóricas da chamada Nova História para o Brasil a partir da década de 1970, principalmente focando na aproximação entre os dois campos. Para isso, vamos destacar as ideias de Paul Veyne (1971), Lawrence Stone (1991), Paul Ricoeur (1997) e Hayden White (1994). Além disso, dialogamos com outros pesquisadores que também se debruçam sobre o assunto no Brasil, como Antônio Celso Ferreira (2010), Nicolau Sevcenko (1999) e Sandra Jatahy Pesavento (2006).

Palavras-chave:

História; Literatura; Nova História.

Abstract

This article proposes a reflection on the relation between History and Literature. To this end, it is necessary to address the theoretical transfers of the so-called New History to Brazil since the 1970s, focusing mainly on the convergence between the two fields. For that, we will highlight

the ideas of Paul Veyne (1971), Lawrence Stone (1991), Paul Ricoeur (1997), and Hayden White (1994). Furthermore, we also dialogue with other researchers who also address the subject in Brazil, such as Antônio Celso Ferreira (2010), Nicolau Sevcenko (1999), and Sandra Jatahy Pesavento (2006).

Keywords:

History; Literature; New History.

Como refletimos dentro do campo das literaturas africanas pós-coloniais – mais especificamente a literatura angolana – se fez necessário traçar um panorama de caracterização dessas obras, ou seja, explorar a conjuntura de produção desses textos, seus objetivos e percalços ao longo do caminho, a fim de contextualizar o trabalho do escritor angolano José Agualusa, o qual vem traçando dentro do cenário nacional e internacional, a construção de uma diferente forma de fazer literatura no contexto pós-colonial.

Nesse sentido, é de suma importância falarmos sobre a escrita e o local que José Agualusa ocupa dentro do campo do fazer literário africano. Por isso, iremos abordar traços da sua biografia e da sua escrita, destacando o romance *Barroco Tropical* como obra de análise para pensarmos como o campo da História e da Literatura podem se aproximar. Logo, apresentaremos o livro, seu enredo, contexto, personagens e algumas possíveis interpretações sobre a narrativa, com o objetivo de apreendermos o cenário imaginado pelo escritor. Para além disso, se pretende também, articular as diferentes passagens que nos mostram as contradições existentes dentro do cenário da capital angolana e o fim da guerra civil em 2002 segundo a criação do escritor

O liame entre História e Literatura

Como é sabido no campo da História, com a emergência da Nova História, e com o crescimento das abordagens da Nova História Cultural, um grande espaço foi aberto para os textos literários no campo historiográfico a partir da década de 1970, de modo a fomentar discussões entre muitos historiadores franceses e abrir um novo horizonte para se pensar problemas, objetos, abordagens e perspectivas de estudos nessa área. Dessa maneira, temáticas como o inconsciente, cotidiano, língua, literatura, mito, meios de comunicação e muitos outros, passaram a fazer parte do trabalho de análise do historiador (Ferreira, 2009, p. 64). Ao direcionarem suas atenções para a história dos “vencidos” e marginalizados mediante uma visão micro, esses pesquisadores passaram a conversar com outras disciplinas, se aproximando inclusive da psicologia, além de explorar outros tipos de fontes tais como: sonoras e visuais (Ferreira, 2009, p. 63-64).

Segundo Torres (2020, p. 112), é relevante sublinhar que tanto a obra literária quanto a historiográfica são produtoras de significados. Logo, elas podem reforçar discursos hegemônicos, mas também formulam embates com esses discursos e nos mostram manifestações discursivas alternativas às que já foram apresentadas, nos revelando assim, que a força da obra literária não é menor que a da história tida como verdadeira, mesmo que cada uma delas tenham compromissos diferentes. Vejamos, a relação entre Literatura e História desde décadas é perpetrada por assuntos de caráter ficcional e pela produção narrativa (Torres, 2020, p. 96). Enquanto a primeira diz não ter comprometimento com a verdade, com os métodos e com a ciência; a segunda está vinculada à descrição de relatos ditos factuais, ancorados em fontes e estudo científico. Mas será que as obras literárias são totalmente isentas de factualidades?

Na visão de Pesavento (2006, p. 3), a Literatura é um discurso favorecido de ingresso ao imaginário de diversas épocas. A historiadora menciona em seu texto *História é literatura: uma velha-nova história*, que na poética de Aristóteles a Literatura é o discurso a respeito dos eventos que poderiam ter acontecido, ficando a cargo da História as narrativas dos fatos verídicos. Em nossa contemporaneidade, o que notamos são historiadores que trabalham com o imaginário e que debatem não apenas o uso da Literatura como admissão privilegiada ao passado, outrossim trazendo o não ocorrido para resgatar o que aconteceu. Para a autora isso decorre quando colocam em pauta os embates do próprio caráter da História como um modelo de Literatura.

À medida que a Literatura se destaca como documento de grande relevância para a escrita deste trabalho, notamos que toda ficção está constantemente ancorada na sociedade, pois é em certas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o literato escreve seu mundo imaginado, suas utopias e seus desejos explorando e/ou inventando formas de linguagem (Ferreira, 2009, p. 67). Assim sendo, a Literatura é hoje entendida enquanto objeto e fonte historiográfica como algo rico em entendimento a respeito das dinâmicas sociais, como uma outra maneira de ver o mundo e uma nova possibilidade de entendimento sobre aquilo que já passou ou não.

Consciente de sua ação enquanto sujeito histórico, o pesquisador da História está em constante conflito com suas referências, experiências e significados que o induzem e, ainda que indiretamente, conduzem sua forma de investigação e interpretação do passado. Assim, por meio de um diálogo plural e interdisciplinar, o historiador que se utiliza do literário se atém à(s) forma(s) como a sociedade interpreta, produz e utiliza seus meios culturais. (Silva; Velloso, 2022, p. 19).

É importante dizer que até mesmo quando nos deparamos com textos literários que foram em certo momento classificados como proibidos, ou que tiveram pouca recepção do público, ou ainda que foram bastante criticados ou aclamados; isso nos revela algo a respeito daquela comunidade (Ferreira, 2009, p. 70-71). “Assim, literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e a explicam” (Pesavento, 2006, p. 3).

Seguindo essa perspectiva, autores como Paul Veyne (1971), Lawrence Stone (1991), Paul Ricoeur (1997) e Hayden White (1994), começaram a pensar esse liame entre História e Literatura quando passaram a escrever sobre a narrativa historiográfica, ao evidenciar as proximidades entre a escrita do historiador e a escrita do literato. Hayden White, por exemplo, foi tão fundo nessas discussões que chegou a considerar que entre a escrita historiográfica e a escrita literária não haveria distinções, como podemos perceber no seguinte trecho de *Trópicos do Discurso*, seu conjunto de ensaios sobre a crítica da cultura publicado originalmente em 1978:

Mas de um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências (White, 1994, p. 98).

Nesse sentido, ele tenta nos dizer que assim como o escritor de ficção cria narrativas imaginadas embasadas em recortes do mundo vivo, o historiador pode se utilizar de recursos comuns à literatura para dar sentido aos seus textos, o que faz com que a História seja muito mais próxima do campo literário do que de disciplinas científicas.

Para Paul Veyne (1971, p. 14-15) a escrita da História é narrativa de acontecimentos, pois assim como o romance, a História seleciona, simplifica, organiza, faz resumir um século em uma página. Portanto, mesmo que uma determinada pessoa tenha uma interpretação sobre o que foi um acontecimento histórico, sua visão não será única, outras pessoas que o presenciaram terão cada uma sua própria versão dos fatos, e levando em consideração que a História é conhecimento através de documentos, cabe ao historiador montar sua narrativa, fazer os recortes que lhe pareçam adequados, construir seu texto e dar-lhe vida com efeito literário, aproximando assim, a escrita da História da escrita romanceada.

Lawrence Stone (1991, p. 1) é outro teórico que confirma o texto histórico como uma sucessão cronológica de eventos que narrados organizam uma história lógica. Para ele, “o novo interesse pela mentalité foi, em si mesmo, um estímulo à

volta a velhas maneiras de escrever história” (Stone, 1991, p. 17). Passo significativo, segundo ele, inclusive para a apropriação de técnicas comumente utilizadas pela Literatura com a finalidade de deixar o texto histórico mais dinâmico, atrativo, facilmente consumível e descomplicado com o emprego do tempo cronológico, com a construção de pontos de vista, com as figuras de linguagem, entre outras. Desse modo,

Uma outra razão adicional para que vários “novos historiadores” estejam voltando à narrativa parece consistir na vontade de tornarem suas descobertas novamente acessíveis a um público leitor inteligente, mas não especialista, muito disposto a aprender o que revelam essas questões, métodos e dados inovadores, mas sem estômago para tabelas estatísticas indigestas, argumentos analíticos áridos e uma prosa cheia de jargões (Stone, 1991, p. 13).

Cabe ainda destacar as contribuições do filósofo Paul Ricoeur (1997, p. 217), ao passo que o mesmo aproxima a História da Literatura pensando às questões da narrativa ficcional e se fazendo entender por abordar o tempo, o vivido e o imaginário. De acordo com ele a ficcionalização da História “dá o preenchimento que lhe falta” (Ricoeur, 1997, p. 324) e mais, “a ficção se põe a serviço do inesquecível” (Ricoeur, 1997, p. 327). Reforça-se assim, que o historiador faz uso da ficção à medida que tenta recriar o passado fragmentado pois “o historiador não se proíbe de então “pintar” uma situação, “restituir” uma cadeia de pensamentos e dar a esta a “vivacidade” de um discurso interior” (Ricoeur, 1997, p. 323)

Todavia, vale apontar que apesar de apresentarmos essa aproximação entre os dois campos, não negamos que “quem trabalha com história cultural sabe que uma das heresias atribuídas a esta abordagem é a de afirmar que a literatura é igual a história” (Pesavento, 2006, p. 3). Hyden White ao colocar as duas narrativas no mesmo ponto de inflexão foi polêmico e bastante criticado na sua época, mas suas contribuições são pertinentes, tanto para o seu período quanto para a atualidade, dado que seus livros ainda hoje são estudados nas universidades e geram discussões e debates formidáveis vindos de quem concorda com seu posicionamento ou não.

Conforme o exposto, acreditamos como Paul Veyne (1971), Lawrence Stone (1991) e Paul Ricoeur (1997), que a História pode sim fazer uso de recursos encontrados na área da Literatura ao que diz respeito à construção narrativa, a exemplo, de figuras de linguagem, vozes e tempos narrativos diversificados. No entanto, não podemos afirmar de forma alguma que ambas são iguais, que se alimentam do imaginário e que compartilham as mesmas preocupações, questionamentos, objetivos e interesses.

Já o inverso, o uso de textos historiográficos pelos escritores literários, ampliou-se com os romances históricos na atualidade, assim comprova-se a afinidade

consistente entre as duas áreas. Como destaca Lukács (2010, p. 155), “tal como nos demais campos da vida, também na literatura não nos deparamos com fenômenos puros”. Há exemplos das literaturas africanas pós-coloniais de língua portuguesa que têm feito largo uso de recortes históricos para tratarem de narrativas ficcionais de seus contextos como: colonialismo, guerra de independência, racismo, tradição, identidade e pertencimento.

Conforme o literato utiliza das narrativas factuais para a criação dos seus textos fictícios, podemos destacar o próprio fazer literário como próximo da escrita historiográfica. Em *Tempo e narrativa*, Paul Ricoeur defende a ideia de que a narrativa de ficção copia a narrativa histórica, afirmando que “a narrativa de ficção é quase histórica na medida em que os acontecimentos irrealis que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é por isso que se parecem com acontecimentos passados e que a ficção se parece com a história” (Ricoeur, 1997, p. 329).

Por conseguinte, o que notamos é que esse liame entre os dois campos é um fato que já se tornou consolidado. História e Literatura são campos totalmente possíveis de conversarem, e por isso sublinhamos o uso da Literatura como uma nova abordagem para os estudos historiográficos, dado que ela ocasiona a criação de novas utopias, já que fala ao historiador sobre os eventos que não aconteceram, sobre as possibilidades que não foram possíveis, sobre os planos que não tiveram êxito. Ela é um testemunho triste, mas deslumbrante dos homens que foram vencidos pelos fatos (Sevcenko, 1999, p. 21). É nessa conjuntura que o escritor de *Barroco Tropical* se destaca ao abordar a história de seu país em suas narrativas, reescrevendo o passado colonial e imediatamente pós-independente demarcado por dificuldades e belezas, pois não é só de problemas que Angola é construída.

José Eduardo Agualusa: o escritor dos sonhos

José Agualusa é um escritor que acredita na necessidade de surgimento de novas utopias, pois segundo ele, precisamos criar uma nova maneira de viver no mundo¹. Dessa forma, percebemos que para além do uso, por parte dos literatos, dos fatos históricos como maneira de embasar as suas narrativas no tempo presente e passado, notabilizamos que esses mesmos fatos podem ser facilmente usados para projetar um futuro utópico. O que foi feito por muitos escritores literários angolanos no período de luta pela libertação do país na passagem para a segunda metade do século XX, como Mário Pinto de Andrade, Viriato da Cruz, Agostinho Neto e José Luandino Vieira.

De acordo com Santos (2013, p. 162-163), em seu texto *As literaturas pós-coloniais da África lusófona*, os escritores nacionalistas desse período que trabalharam pensando em recriar uma nova identidade cultural e nacional, bem

¹ Entrevista concedida a Booker em 2020 na cidade de Lisboa.

como um novo discurso político para o país, se destacavam por tratar de assuntos a respeito dos conflitos sociais, de guerras, revoluções, e sobre a condição de colonizado, trazendo engajamento político, além de abordar as narrativas do ponto de vista do colonizado, buscando tecer uma originalidade para essa geração literária. É em meio a imposição colonial que o subalterno não pode falar ou ser ouvido pelos que detêm o poder da opressão, como argumenta Grada Kilomba (2019, p. 47) ao mencionar Gayatri C. Spivak (1995) em seu livro *Memórias da plantação*, que enfatizamos aqui o surgimento da literatura de resistência em Angola, a literatura que impulsionou e deu força contra o colonizador.

Em Angola, a literatura sempre desempenhou um importante papel. Ainda no período colonial, foi utilizada como instrumento para a defesa do nacionalismo africano. Agostinho Neto, por exemplo, presidente do MPLA e o primeiro presidente da Angola independente, era poeta e utilizou seus versos como mecanismo de luta, para criticar a ocupação colonial e clamar pela independência (Araujo, 2017, p. 38).

Seguindo essa caracterização que distingue as literaturas dos países africanos de língua oficial portuguesa, destacamos o uso da intertextualidade, em que o autor emprega diferentes recortes ou menções textuais de fora do seu roteiro, mas que dialogam com a obra. Outrossim, é perceptível o uso da própria oralidade e dos termos que comumente não são conhecidos pela maioria do público, mas que enriquecem o livro através da escrita falada no cotidiano.

Mas será que a Angola tão almejada por seus conterrâneos alcançou as idealizações de progresso e desenvolvimento aclamadas pelos seus literatos? Acreditamos que inúmeros percalços foram encontrados com o decorrer do seu processo de independência e da guerra civil. Não obstante, a geração que surgiu no contexto pós-independência tem buscado ainda, como os anteriores, criar uma identidade literária que se distancie da europeia, e é nesse espaço que escritores, como José Agualusa, desempenham o papel de fabricar narrativas literárias que demarcam a história do seu povo, que expressam a necessidade de apresentar a cultura, as inquietações políticas, as expressões da oralidade, o cotidiano, as crenças religiosas e os costumes locais.

Como observou a maioria dos críticos pós-coloniais que estabeleceram uma ligação entre nação e narração, as literaturas de África lusófona evoluíram à medida que as nações se iam construindo, o que ocorreu por vezes num contexto extremamente violento como no caso de Angola ou de Moçambique, que sofreram guerras civis destruidoras depois de terem acedido à

independência. Contudo a formação de instituições culturais permitiu aos escritores criarem um espaço literário nessas nações jovens e por conseguinte, afirmar-se ao impor vozes novas (Santos, 2013, p. 169).

De igual modo, nomes da literatura lusófona pós-independente, como Ana Paula Tavares, Mia Couto e Paulina Chiziane, a exemplo de José Agualusa, não perdem a oportunidade de retomar o passado escravocrata, discriminatório, racista e marcado pela presença do europeu. E para isso, fazem grande uso da história, enquanto revisitam seu passado e recuperam temáticas ainda muito presentes em território nacional. “As mudanças sociais, econômicas, e culturais que conheceram essas novas gerações vão transparecer na literatura que vai, por sua vez, conhecer mudanças radicais” (Santos, 2013, p. 168). Aliás,

Outra tendência das literaturas pós-coloniais da África lusófona consiste num retorno ao mito, às origens da cultura ancestral, o que também leva a uma reflexão sobre a História e a identidade colectiva, por via de um confronto entre tradição e modernidade (Santos, 2013, p. 170).

Aspecto esse que se faz presente a título de exemplo, em *Barroco Tropical* (2009), quando o escritor angolano se aproxima de discursos míticos e de um certo pessimismo em relação ao desenvolvimento do país que não chega a todos. Porém, antes de passarmos a explorar o supracitado romance histórico, é necessário contextualizar o autor do romance.

Filho de uma professora de português e um funcionário de companhia de trem, José Eduardo Agualusa Alves da Cunha é jornalista e escritor angolano, nascido na cidade de Huambo em 13 de dezembro de 1960, período em que Angola estava passando pelas efervescências das lutas de libertação do domínio português. Atualmente, conta com mais de 30 livros publicados entre romances, poesias, contos, crônicas, textos infantis e peças de teatro. O supracitado já recebeu variados prêmios como o Prêmio RTP de literatura pelo livro *Nação Crioula* (1997); o Independent Foreign Fiction Prize com *O Vendedor de Passados* (2004); e ainda o Prêmio Literário Internacional de Dublin com *Teoria Geral do Esquecimento* (2012).

Sendo um escritor consagrado, seus livros já foram publicados em inúmeros países e em mais de 30 idiomas. Dentre alguns deles, citamos *As Mulheres de Meu Pai* (2007), que conta a história de uma jovem cineasta portuguesa chamada Laurentina, a qual surpreendentemente, após a morte de sua mãe, descobre ser filha adotiva e parte em aventura para Luanda a fim de conhecer a identidade de seus familiares biológicos. Há ainda *A Rainha Ginga*, publicado em 2014 pela editora

Quetzal que narra a história de uma importante rainha angolana, a qual lutou bravamente pela expulsão dos portugueses de seu reino durante o século XVII.

Como ficcionista, ele tem uma maneira peculiar de enveredar por suas produções literárias. Para José Agualusa, o sonhar tem um papel muito importante no seu trabalho, porque é a partir dos seus sonhos que consegue formular seus textos, dar títulos e construir personagens sem se prender a montar grandes planejamentos para a elaboração de tais narrativas. Na verdade, o que lhe agrada no processo de escrita é propriamente não saber como o texto vai acabar, é acompanhar o desenvolvimento dos personagens e do enredo ao mesmo tempo em que escreve².

Outrossim, cabe mencionar sua efetiva relação com o Brasil, pois o escritor já chegou a viver em Olinda e no Rio de Janeiro e tem como membros de sua família alguns brasileiros, tanto por laços paterno, quanto materno. Então, desde jovem teve diretas ligações com o país através de seus familiares, da literatura, da música; e os livros de Jorge Amado se realçam como sendo um dos seus primeiros contatos com a literatura brasileira. Por conseguinte, é fácil ver tanto em suas obras as menções a respeito do Brasil, quanto em suas entrevistas em que ele costuma expressar a estreita conexão entre Brasil e Angola na qual, através da visão dele, é pouco evidenciada na atualidade.

José Agualusa, é um escritor que está a todo momento tentando recontar a história da sua nação a partir de diferentes olhares, vozes, tempos, lugares; e para isso conta com uma ampla gama de documentos, sejam eles recortes de jornais, diários, livros historiográficos, literários e tantos outros que encontra com suas investigações, os quais lhe possibilitou escrever grandes romances históricos como *A Conjura* (1989) e *A Teoria Geral do Esquecimento* (2012), a título de exemplo.

É nítida a utilização do ‘fato’ para o desenvolvimento da ‘ficção’ em seus textos, isto é, o suposto acontecimento é a matéria-prima, o ponto de partida para a trama. Os vazios que o historiador não consegue preencher com seu discurso ‘científico’ se oferecem à imaginação do ficcionista. As obras de Agualusa da metaficção historiográfica substituem, pois, a linguagem científica da História por uma linguagem irônica e subversiva que multiplica significados e cria imagens perturbadoras no texto e no leitor (Viberto, 2012, p. 20-21).

Como escritor pós-colonial e sendo considerado um dos maiores nomes da literatura lusófona atualmente, ele soma a seus textos as vozes do povo marginalizado, os lugares que fogem ao continente africano, os quais se encontram com suas visitas ao Brasil e a Portugal, e se entrelaçam com diferentes recortes temporais que juntos

² Trecho parafraseado de uma entrevista para o programa Sempre Um Papo do ano de 2017.

fazem da narrativa um espaço intertextual, dinâmico e rico em detalhes. Já quando nos referimos a seus personagens:

Não encontramos no texto do escritor angolano os heróis da geração anterior, imersos no sonho de construir a pátria homogênea. Encontramos personagens comuns, vítimas de um destino que lhes foi imposto. Não são previsíveis, muitas vezes mudam de lado, são ambíguos, ninguém é de todo bom ou ruim, herói ou vilão (Viterbo, 2012, p. 21).

Concomitantemente, assumimos que a nossa intenção não está em esgotar o tema. O que pretendemos esboçar aqui, é uma explanação sucinta que nos conduza a boas argumentações alicerçadas na dinâmica frutífera e engenhosa entre História e Literatura. Campos que se inter cruzam e podem vir a se completar nos estudos historiográficos ou literários, a fim de nos ajudar a compreender as realidades em que estamos, já estivemos e/ou possamos estar inseridos futuramente. Pois “as produções artísticas e literárias, independentemente de suas temáticas, periodizações ou formulações estéticas, são essencialmente históricas e, por assim o ser, também se tornam objeto de interesse e reflexão dos historiadores” (Silva; Velloso, 2022, p. 36). Assim sendo, apresentamos agora o romance de José Agualusa, *Barroco Tropical*.

Barroco Tropical e a nova (velha) Luanda

Barroco tropical é um romance composto por vinte e cinco capítulos, um breve epílogo e um interessante glossário ao final do livro que nos permite entender o significado dos variados termos de línguas típicas do país e que o autor emprega ao longo da narrativa. O glossário se destaca como um pós-texto muito comum nas literaturas africanas de língua portuguesa que têm como grande público, leitores de outras nacionalidades e que não têm familiaridade com palavras utilizadas por esses escritores e usadas no dia a dia em seus idiomas locais, tais como: besugo, canuco, gindungo, e matacanha, que significam respectivamente: caipira, garoto, pimenta e bicho do pé.

De modo geral, a estrutura de construção de cada capítulo é bastante criativa e cativante. O autor inicia sua história com uma notícia chocante logo no primeiro capítulo sobre a morte de uma figura feminina importante para o romance: Núbia de Matos. Em seguida, trata de apresentar em dois capítulos bem definidos os personagens principais e secundários – que diga de passagem – são muitos. A partir daí, retoma o enredo para o que ele próprio chama de início, formando uma dinâmica divertida com o leitor. Como exemplo de uma dessas dinâmicas, podemos destacar como o protagonista, Bartolomeu Falcato, faz constantes pausas para

explicar determinada passagem do texto, como quem dialoga com o leitor e tenta situá-lo dentro da narrativa.

Saí. Ela tomou o meu lugar, pôs o carro em andamento e foi-se embora. Mandei parar um táxi. Durante muitos anos não houve em Luanda táxis individuais; havia somente táxis coletivos, os candongueiros, destinados a servir o povo. (O Povo, ou Eles, é como em Angola nós, os ricos, ou os quase ricos, designamos os que nada têm. Os que nada têm são a esmagadora maioria dos habitantes deste país (Aqualusa, 2009, p. 11).

Como já é de nosso conhecimento, *Barroco Tropical* foi publicado em 2009, mas o que devemos captar é que o contexto narrativo da obra se passa na capital Luanda em um futuro não muito distante daquele vivido pelo próprio José Aqualusa – o ano de 2020. A trama fala sobre o medo, que dentro do texto tem um subcapítulo exclusivo e conta com duas grafias um pouco distintas.

Durante muitos anos vivi sem Medo. Escrevo Medo assim, com maiúscula, porque não estou a falar dos sustos minúsculos com que as pessoas comuns convivem no dia a dia: o medo de ser assaltado, o medo de que a polícia nos faça parar exatamente naquela noite em que bebemos um copo a mais, o medo de não conseguir uma ereção perfeita, o medo de enfrentar uma plateia, o medo do escuro, e por aí fora. Tampouco me refiro aos grandes medos metafísicos que a humanidade enfrenta desde que nos deu a alma para a metafísica. Quando escrevo Medo, estou a referir-me, em concreto, ao sentimento de permanente angústia e desamparo que aflige as pessoas com opiniões diferentes em países sujeitos a regimes totalitários (Aqualusa, 2009, p. 55).

Nesse sentido, existe a viabilidade de interpretarmos esta obra como uma escrita que fala acerca do “Medo” provocado pelos regimes ditatoriais vigentes ainda em muitos países ao redor do globo, mas aqui, especificamente em Angola. A região vive sob o domínio de um único partido político desde sua independência em 1975 e até hoje só teve quatro presidentes sendo eles: António Agostinho Neto, que declarou a independência da nova nação em 1975, governando até 1979 quando faleceu; Lúcio Lara, que se tornou presidente interino, mas só ficou na presidência durante o ano de 1979; José Eduardo dos Santos, que se sustentou por mais tempo entre os anos de 1979 e 2017 quando se aposentou; e por último, João Lourenço que o sucedeu com as eleições de 2017.

Somado a tudo isso, temos também muitas semelhanças biográficas entre o personagem Bartolomeu Falcato e José Agualusa. Ambos são escritores; teceram críticas à poesia de um antigo presidente angolano e foram severamente reprovados; ambos já viajaram para o Brasil e receberam uma bolsa literária de estudos na Europa. Essas afinidades fazem com que muitos críticos e leitores vejam Bartolomeu Falcato como um alter ego de José Agualusa, percepção que o próprio escritor do romance já disse em entrevista que muito lhe agrada.

ALC: O protagonista de “Barroco Tropical” apesar de não ter um olho, o que lhe dá logo a cara do [lendário general israelita] Moshe Dayan...

JEA: pensei nele, pensei.

ALC: ... e de ser realizador de documentários além de romancista, tem muitas coincidências biográficas contigo.

JEA: Isso agrada-me. Que as pessoas construam essa imagem. Sobretudo o episódio do Agostinho Neto [“poeta medíocre”]. Era quase impossível não aproveitar esse episódio porque é revelador de como o absurdo se instala na realidade (Agualusa, 2009, entrevista).

Diante disso, essa obra nos possibilita visualizar, de certo modo, a visão pessimista e preocupada de José Agualusa acerca do futuro de seu país. Bartolomeu Falcato, o protagonista, não se limita e pouco se intimida ao expor o que pensa e considera sobre a moral de figuras importantes do governo, de jornalistas, dos problemas sociais, da insatisfação popular, entre outras demandas que o cercam.

ALC: O livro passa-se em 2020, o que não chega a ser um futuro de ficção científica. Estes 20 anos de distância permitem o quê?

JEA: Pensar Angola de outra maneira, fugir a interpretações mais óbvias, imaginar um futuro que espero não venha a acontecer. Mas se continuarem a ser cometidos erros e distorções...

ALC: Esse futuro já é presente em muito.

JEA: Sim, em muito, mas ainda há muita coisa que se pode evitar. Um livro como este, uma distopia, pode servir para alertar para determinadas políticas e acontecimentos que se podem complicar se nada for feito (Agualusa, 2009, entrevista).

É concebível, pois, acompanhar um cenário fictício marcado pelo medo, corrupção, traição e perseguições que discorrem em regimes autoritários e nos traz debates calorosos entre os personagens, de modo a ocasionar reflexões sobre o rumo

que o país tem tomado. Desse modo, uma interpretação que podemos ter é que todo o enredo é marcado por diferentes maneiras de nos contar que apesar da independência, e das promessas de melhoria do governo; o país ainda não conseguiu um grande crescimento econômico, um desenvolvimento social significativo, ou mesmo uma administração positiva como esperado por muitos do seu povo.

Tecendo uma breve história do país, Angola é uma nação localizado na África Central, e foi um território usurpado por portugueses ao longo de séculos, tendo sua efetivação concretizada por volta do século XIX e o declínio dessa mesma colonização em 1975, quando esta veio a conquistar a sua independência após uma série de conflitos orquestrados por diferentes movimentos armados³ que lutaram pela independência de seu país.

Com a Proclamação da República declarada por Agostinho Neto⁴, em 11 de novembro de 1975, iniciou-se um confronto armado sangrento no país entre o MPLA e a UNITA, que fez a região mergulhar em uma forte crise política, econômica e social que abalou todos os setores do país. Com o fim da guerra em 2002 e a vitória do MPLA, o partido político iniciou uma forte administração autoritária que vigora até a atualidade e é bastante questionada pelos seus conterrâneos.

Ao longo do romance, encontramos trechos que nos apresentam as modificações na estrutura material da cidade de Luanda que foram se reconfigurando ao longo desses dois momentos marcantes da história dessa jovem nação. Vejamos como exemplo ficcional, a história do maior prédio do continente, que ao parecer moderno e sofisticado, está inacabado e é ocupado de forma curiosa na capital imaginada por José Agualusa:

Infelizmente, nem tudo correu como previsto. Vários outros grandes prédios de apartamentos e escritórios foram construídos ao mesmo tempo que este, além de um sem-número de condomínios em Luanda Sul e Bom Jesus. Quando o edifício foi projetado, ainda persistia uma terrível carência de habitação, em particular aquela destinada à burguesia emergente. Vivia-se, além disso, a euforia do petróleo. Apartamentos com cinco assoalhadas podiam custar dois milhões de dólares e vendiam-se antes que o prédio estivesse concluído. Depois, com o súbito excesso de oferta e o fim da era do petróleo, o mercado ruiu. A sociedade responsável pela construção da Termiteira foi

³ Entre as principais guerrilhas que lutaram pelo fim da colonização portuguesa em Angola temos: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), fundado em 1956 e liderado nesse primeiro momento por Agostinho Neto; a Frente de Libertação Nacional de Angola (FNLA), fundada em 1962 com liderança de Holden Roberto; e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), fundada em 1966 com liderança de Jonas Savimbi.

⁴ Agostinho Neto foi o primeiro presidente da Angola independente, líder do Movimento de Libertação de Angola (MPLA), médico e poeta angolano.

forçada a baixar os preços. Hoje, ricos e pobres partilham o mesmo espaço, como acontece lá fora, nas ruas da cidade, com a diferença de que aqui vivemos literalmente uns por cima dos outros — quanto mais ricos, mais acima. Muitos dos elevadores não funcionam. Os que funcionam têm guardas armados à porta e servem apenas a alta burguesia. As galerias subterrâneas, onde deveriam ser instaladas garagens e oficinas, ginásios e supermercados, foram ocupadas por toda a sorte de marginais e deserdados: junkies, catorzinhas, pequenos ladrões sem futuro, mutilados de guerra, meninos-feiticeiros. Vivem ali, como ratazanas, em plena escuridão (Aqualusa, 2009, p.38).

Seria a Termiteira uma metáfora para descrever a situação em que Luanda se encontra? Pensando sobre o desenvolvimento do país, sua modernização, e o quadro político ao qual Angola tem estado desde a Proclamação da República, a passagem anterior nos faz pensar como de fato, o país está rumando para um futuro lamentável como o próprio autor sugeriu em entrevista⁵ para o portal Público em 2009, ano de publicação da obra.

ALC- No livro diz-se que Luanda corre a toda a velocidade para o desastre, e a grande diferença em 2020 é que acabou o petróleo, então o cenário de euforia económica está em queda, e o prédio em que vive o protagonista – a Termiteira – é uma metáfora disto. Pode-se dizer que Luanda já está a correr para o desastre agora?

JEA- De certa forma já é um desastre em execução. É uma cidade quase inviável, onde as pessoas têm muita dificuldade em viver. Nesse sentido já é um desastre. Penso que ainda pode ser possível recuperar a cidade e pensá-la de outra forma, mas aparentemente isso não está a ser feito. Não quer dizer que não haja pessoas a compreender que isso é preciso. Há essa discussão. Mas continuam a ser construídos grandes prédios no centro (Aqualusa, 2009, entrevista).

Seguindo para outros aspectos da obra, ao falarmos em narradores e protagonistas, temos que enfatizar o personagem masculino Bartolomeu Falcato⁶, um exímio escritor, cineasta, casado, pai de quatro filhas; e Kianda, uma grande cantora e estrela internacional, não à toa, também sua amante. Nessa perspectiva, a trama se desenrola quando os dois presenciam a morte de Núbia de Matos, modelo e

⁵ Acompanhar entrevista completa em: <https://www.publico.pt/2009/06/03/culturaipilon/noticia/jose-eduardo-agualusa-e-a-amavel-ditadura-de-angola-233271>. Acessado em: 8 de janeiro de 2024.

⁶ Personagem emprestado da obra *As Mulheres de Meu Pai* (2008).

apresentadora de televisão, que é propositalmente jogada de um avião em pleno ar. A partir daí, Bartolomeu Falcato foge do local atordoado e, ao chegar em seu apartamento, recebe uma ligação lhe alertando que alguém o quer matar.

Posteriormente, temos o desenrolar da narrativa em um primeiro plano guiado pela perspectiva de Bartolomeu Falcato e a sua busca por respostas a respeito da morte da modelo, haja vista que Núbia de Matos acabou por se envolver com grandes políticos, empresários, inclusive com a presidente do país, ou seja, ela possuía muitas informações que desagradavam essas figuras, o que acabou por ocasionar a sua morte precoce e pôs em risco a vida de Bartolomeu Falcato.

Concomitantemente, em um segundo plano destaca-se a perspectiva de Kianda, relatando sobre o seu envolvimento com o escritor, sua relação com os pais, sua carreira de sucesso e o seu fracassado casamento com Lulu Banzo, também seu produtor. Nessa segunda passagem, Kianda, aturdida de culpa pelo seu relacionamento com o escritor, conta sobre eles dois para Bárbara Dulce, a esposa dele, ao mesmo tempo em que ela assiste ao seu próprio casamento arruinado. Diante disso, mencionamos que essa visão não chega a ser de interesse para este trabalho, pois o que realmente nos importa é a percepção de Bartolomeu sobre a cidade de Luanda, sobre o governo e as intrigas que irão se desenrolar com o decorrer de sua investigação a respeito da morte da modelo.

Desse modo, cabe citar dois momentos importantes da história de Angola segundo a perspectiva do personagem Bartolomeu, que trata de resumir a configuração da capital em um momento imediatamente anterior e posterior a independência do novo país na trama:

Quando eu nasci, Luanda ainda usava todo o seu belo e sonoro nome cristão: São Paulo da Assunção de Luanda. Velha matrona mulata, orgulhava-se do parentesco com cidades como Havana, Saint-Louis, em Casamance, ou São Sebastião do Rio de Janeiro. Foram os brasileiros, aliás, que vieram em seu socorro quando, em 1641, os holandeses aproveitaram a distração ibérica para ocupar a Fortaleza de São Miguel. Vi a minha cidade tornar-se africana. Vi os orgulhosos prédios da baixa que a burguesia colonial abandonou dias antes da independência serem ocupados pelos deserdados dos musseques. Vi-os (aos deserdados) a criarem galinhas dentro das despensas, cabritos nos quartos, e a acenderem fogueiras no meio dos salões com as bibliotecas deixadas pelos colonos. Vi mais tarde esses mesmos deserdados a abandonarem os apartamentos em ruínas, a troco de fortunas (alguns) ou de meia dúzia de tostões (outros), sendo substituídos pela novíssima burguesia urbana, ou por expatriados pagos a peso de ouro. Vi cair o belo Palácio de Dona

Ana Joaquina, a golpes de camartelo, para ser substituído por uma réplica em mau betão, e achei que era uma metáfora dos novos tempos o velho sistema colonial e escravista a ser substituído por uma réplica ridícula em nefasto calão dos musseques (Aqualusa, 2009, p.88-89).

Percebemos, então, a euforia causada pela independência do país, euforia que pode também ser acompanhada em outra obra do escritor chamada *A Teoria Geral do Esquecimento* (2012), em que se relata ficcionalmente como muitos angolanos vindos das camadas mais baixas da sociedade acabaram por ocupar grandes construções criadas pelos portugueses, enquanto outros chegaram até mesmo a destruir inúmeros símbolos do colonialismo, eufóricos com as novas mudanças que esperavam chegar no país com a nova ordem que se estabelecia. No entanto, na próxima passagem, Bartolomeu nos apresenta uma situação oposta à esperada pelo povo com os anos que se seguiram à independência:

Os lucros do petróleo fizeram florescer altos edifícios de paredes espelhadas. A seguir, o preço do petróleo caiu (caiu desamparado, estatelou-se) e todo aquele radiante mundo novo entrou igualmente em colapso. Deixou de haver dinheiro para lavar as imensas vidraças, e estas cobriram-se de uma áspera camada de poeira vermelha, de lama, e por fim de uma carapaça capaz de resistir à mais forte pancada de chuva e totalmente impenetrável à luz. As bombas que levavam a água para os andares mais altos avariaram. Os geradores também. Muitos expatriados foram-se embora. Os deserdados voltaram a ocupar os prédios (Aqualusa, 2009, p. 89).

Quando falamos sobre as suas impressões a respeito da vida e do seu povo, Bartolomeu Falcato nos mostra diferentes contrastes que podem ser interpretados como uma explicação de que apesar do país ter vivido um breve momento de crescimento econômico, que o permitiu uma certa modernização, nota-se que esse salto foi passageiro e logo que o petróleo, fonte desse salto de enriquecimento acaba, na narrativa futurista do país, Angola fica estagnada.

Luanda corre a toda a velocidade em direção ao Grande Desastre. Oito milhões de pessoas aos uivos, aos choros e às gargalhadas. Uma festa. Uma tragédia. Tudo o que pode acontecer acontece aqui. O que não pode acontecer acontece igualmente. Estamos no século XXI. Estamos lá muito atrás. Estamos mergulhados na luz. Estamos afundados no obscurantismo e

na miséria. Somos incrivelmente ricos. Produzimos metade dos diamantes vendidos no mundo. Temos ouro, cobre, minerais raros, florestas por explorar e água que não acaba mais. Morremos de fome, de malária, de cólera, de diarreia, de doença do sono, de vírus vindos do futuro, uns, e outros de um passado sem nome (Aqualusa, 2009, p. 89).

As passagens anteriormente citadas podem compor juntas, para além da visão do protagonista, um conjunto de contrastes que marcam o desequilíbrio entre o que era Angola antes da independência e o que poderia ser Angola posteriormente, já que o país considerado tão rico, também deveria ser próspero, porém, não é. Ao falarmos em contrastes, temos muito mais ao longo da narrativa. Conforme é notado no seguinte trecho:

Numa das ocasiões em que visitei Mouche, ela assistia a um documentário sobre a Termiteira na pequena, mas confortável sala de cinema que mandou construir no seu apartamento. Em determinada altura entrevistaram um tipo gigantesco, com uma horrível cicatriz no rosto, a quem todos chamam o Rei. Usava grossas pulseiras de cobre. Uma catana pendia-lhe da cintura. Atrás dele a Termiteira brilhava, na noite nervosa de Luanda, como uma imensa nave espacial acabada de chegar de um planeta distante.

– Repara no contraste! – gemeu Mouche – Neste país até o futuro é arcaico (Aqualusa, 2009, p. 60).

Aqui vemos que Bartolomeu Falcato se sobressai como um grande crítico da sua sociedade, mas também, um curioso admirador e estudioso da sua cultura. Põe em debate os problemas enfrentados por seus compatriotas e argumenta contra jornalistas que insistem em mascarar as adversidades da Angola. É um singular mediador de debates e está a todo momento levantando questionamentos em favor daquilo que acredita e valoriza.

Portanto, acreditamos que a partir do romance escrito por José Aqualusa e tantos outros (as) escritores (as) africanos (as) de língua portuguesa, mas não se prendendo apenas a esses, a literatura desses diferentes povos possa ser amplamente divulgada, recebida e trabalhada, seja em sala de aula, para complementar as aulas de História ou Literatura, seja para serem tratadas como fontes de pesquisa acadêmica, afim de que possam colaborar para uma perspectiva pós-colonial da história do continente africano e possam romper diferentes estereótipos, auxiliando na exploração de diferentes vozes e lugares que fujam do ponto de vista eurocêntrico.

Considerações finais

Diante do exposto, notamos ser possível entendermos a relação estreita existente entre a História e a Literatura, ou seja, como as fontes históricas podem ser úteis na escrita literária, bem como, as obras literárias podem vir a ser ricas em entendimentos para a construção do trabalho de um historiador. Mediante isso, fica evidente que a Literatura proporciona um campo apto e aberto para dialogar diferentes questões que nos remetem não apenas ao nosso presente, mas que são férteis para dialogar com o nosso passado, abordando aspectos sociais, culturais, políticos e entre outros.

Além disso, ver-se quão similares as narrativas históricas e literárias são, todavia, devemos nos atentar para não enxergarmos as narrativas literárias como espelho ou reflexo da sociedade em que estão inseridas, mas sim, como produtos culturais. Já a escrita historiográfica se apresenta como um espaço de entendimento de nossas interações humanas pautadas na cientificidade e em métodos, tratando de buscar esclarecer as dinâmicas e interações humanas através do tempo e do espaço. Percebemos pois, que embora diferentes teóricos tentam diferenciá-las ou aproximá-las, o importante é compreender que ambas possuem distintos e específicos compromissos, porém são abertas a diálogos em conjunto.

Ademais, trazer algumas características gerais, sem tentar generalizar e diminuir aquilo que constitui as obras literárias africanas de língua oficial portuguesa, nos evidencia o rico envolvimento entre os dois campos aqui em discussão, pois a partir das narrativas ficcionais escritas por escritores africanos, como vimos, somos convidados a vislumbrar diversas questões referentes a história de várias nações africanas, o que nos permite estudá-las e as conhecer melhor.

Logo, também pudemos conhecer o escritor e jornalista José Agualusa e o seu prestigioso ofício literário. Entendemos que o escritor ocupa um lugar de fala que visa nos apresentar um pouco da cultura de seu país, de sua gente, mas sem deixar o seu tom jornalístico e investigativo, o que promove a construção de trabalhos proveitosos e que remetem a uma Angola utópica e/ou distópica. Outrossim, notamos que o autor possui uma escrita que constroi enredos a partir de sonhos, apresenta personagens peculiares e contextos narrativos que passeiam para além da África.

Através de seu conjunto de obras podemos explorar uma Angola distinta daquela construída a partir do olhar do colonizador, pois estamos diante de textos que apresentam um país, embora fictício, mas que valoriza e preza por quebrar estereótipos, dar visibilidade a povos e culturas marginalizadas, e trazendo a um público diverso e internacional as cicatrizes da colonização, o resgate da memória, da identidade, os desafios políticos, econômicos e sociais.

Referências

- AGUALUSA, J. E. *Teoria Geral do Esquecimento*. Rio de Janeiro: Foz Editora, 2012.
- AGUALUSA, J. E. *Barroco Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AGUALUSA, J. E. *As mulheres do meu pai*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- AGUALUSA, J. E. *O vendedor de passados*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2011.
- AGUALUSA, J. E. *A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo*. Portugal: Quetzal. 2014.
- AGUALUSA, J. E. *Nação Crioula: A correspondência secreta de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- AGUALUSA, J. E. *A Conjura*. Lisboa: Quetzal Editores, 1989.
- COELHO, A. L. José Eduardo Agualusa e a amável ditadura de Angola. *Público*, Portugal, 3 jun. 2009. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/06/03/culturaipsilon/noticia/jose-eduardo-agualusa-e-a-amavel-ditadura-de-angola-233271>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- DOS SANTOS, B. As literaturas pós-coloniais da África lusófona. In: ALMEIDA, J.; MIGLIEVICH-RIBEIRO, A.; GOMES, H. T. (Orgs). *Crítica pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 159-178.
- FERREIRA, A. C. Literatura a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bussanize; LUCA, Tania Regina de (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-92.
- FERREIRA, L. José Eduardo Agualusa no Sempre Um Papo. *Sempre Um Papo*, São Paulo, 31 jul. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/z4eS66PX4m0?si=JYw56JafxQ8xkSRZ>. Acesso em: 06 abr. 2025.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019
- LUKÁCS, G. Narrar ou descrever? In: LUKÁCS, G. *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- PESAVENTO, S. J. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, C. B.; MACHADO, M. C. T. (Orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006, p. 11-28.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Tomo 3. São Paulo: Papyrus, 1997.
- SEVCENKO, N. *A Literatura como Missão: tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 3. ed. Brasiliense: São Paulo, 1989.
- SILVA, M; VELLOSO, A. Um passado, múltiplas formas de leitura: tensões e intersecções entre história e literatura. In.: CAMPOS, D; CHAVES, E; LEITE, M. *História e Literatura: relações possíveis*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 14-39.
- STONE, L. O ressurgimento da narrativa reflexões sobre uma nova velha história. *Revista de História*, n. 2 /3, IFCH, UNICAMP, 1991.

TORRES, M. M. C. História e literatura: Reflexões teóricas. *História, histórias*. Minas Gerais, v. 8, n. 15, p. 95-114, jan./jun. 2020.

VEYNE, P. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1971.

VITERBO, V. M. *A epístola revisitada: identidade, linguagem e intertextualidade em Nação Crioula, de José Eduardo Agualusa*. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012.

WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução: Alípio Correia de Franca Neto. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.